

O BELO*

* Artigo publicado em *Educação e transdisciplinaridade*, Brasília, UNESCO, 2000, pp. 115-137.

2 MICHEL RANDOM**

** Escritor, filósofo, poeta, cineasta, editor, historiador da arte e fotógrafo.

Creio que empreenderemos uma viagem que é a de um paradoxo, pois não me foi pedido para falar da beleza na arte, nas proporções, na história, na metafísica, mas simplesmente da beleza. Como se mediante essa palavra genérica, global, fossemos convidados a uma viagem a todos os níveis de sentido e de realidade, uma vez que a beleza é ao mesmo tempo conhecimento e poesia, história e meditação, substância do visível e sentido da vida. Portanto, cabe a mim estabelecer com vocês uma espécie de mapa de viagem, através desse paradoxo dinâmico e contraditório, que nos permitirá integrar o sentido da palavra beleza e talvez chegarmos, sutilmente, a exprimir a sua revelação.

Iremos então, nessa viagem da beleza, percorrer o paradoxo do real e do inapreensível, do manifestado e da iluminação. Percorreremos a arte e a história por meio de alguns exemplos da beleza que, do Ocidente ao Oriente, transmitem o sentido do seu mistério. Exercício aparentemente difícil, que poderia parecer querer conciliar coisas inconciliáveis e que poderia parecer um mero borboletear ao redor dessa palavra.

No entanto, o fato de nos encontrarmos reunidos aqui ao redor de uma reflexão transdisciplinar e a questão que se coloca é “como abordar o tema da beleza de maneira transdisciplinar?”, imediatamente a abordagem que eu deveria seguir ficou clara para mim: aquela dos diferentes níveis de realidade.

Os níveis de realidade aparecem mais do que nunca aqui como uma chave fundamental para interrogar a natureza do real e introduzir nele esse movimento que implica o “trans”: o através e o além. Pois os níveis de realidade exprimem os três aspectos da nossa realidade. O mundo racional associa-se ao espaço e ao tempo contínuos; o mundo vibratório ou quântico associa-se à não-separabilidade; o mundo subquântico, no qual não existe tempo nem espaço, associa-se à autoconsistência da partícula e à unicidade instantânea de todas as energias.

Portanto, *os níveis de realidade* se exercem “nas e além das” disciplinas, através da história do conhecimento e de sua evolução: simbólica e cultural, profana ou sagrada.

Outra questão: de que ponto de vista é preciso olhar para aplicar a tantos aspectos, aparentemente diversos, a chave dos níveis de realidade? A resposta é ao mesmo tempo simples e difícil se não percebermos o sentido dessa chave. Ela é suficientemente fina para associar a visão cósmica ao homem através dos séculos e das culturas até os nossos dias?

A beleza é ao mesmo tempo essência e ciência, ontologia e conhecimento, história e revelação. Devo tentar então ser efetivamente transdisciplinar nesta exposição, porque a abordaremos através de diferentes disciplinas, de diferentes aspectos que nos introduzirão

na idéia global da beleza: de Platão a Einstein, do Oriente ao Ocidente. Como a beleza se cria? Como podemos criar a beleza?

Nessa viagem que empreenderemos através e além das nossas percepções e do nosso tempo ordinário, aparecerá a estrutura sutil e transdisciplinar da beleza. E, no fim desta viagem, chegaremos à conclusão de que ela se abre para outras viagens.

Mas, antes de começar, quero fazer o primeiro gesto da beleza, isto é, quero saudar vocês. Pois no ato da saudação rendemos homenagem ao outro. Rendo homenagem àquilo que você é, à beleza interior, que é a beleza do Si. Portanto, saúdo em você a beleza do seu ser, da sua essência. Saúdo a eternidade em você, saúdo a beleza em você e é isso que nos torna imensamente próximos em nossa temporalidade e nossa humanidade. O outro sou eu. Este é o primeiro ato de beleza, o respeito pelo outro. Só em seguida podemos conversar, perguntar quem é o outro, qual é o seu nome, etc.

No Japão, na da tradição xintoísta, que é uma tradição xamânica, o primeiro ato de religar o céu e a terra, o ser e o universo, é bater duas vezes as palmas das próprias mãos. Bater duas vezes as palmas das mãos é emanar o som do seu ser, é dizer aos espíritos, aos Kami, quem somos, é dizer “eu sou”, é exprimir o princípio da minha identidade no mundo cósmico – hoje diríamos no mundo quântico, no mundo da não-separabilidade.

A partir daí, podemos compreender e integrar algo que determina toda a história da beleza e do pensamento: a noção de harmonia. Essa história é determinada, essencialmente, pela relação que o homem estabelece entre o visível e o invisível. A história da beleza se desenrola conforme a maneira em que a humanidade sente essa relação. Durante milênios, até aproximadamente 500 a.C., o que constituía a relação entre o homem e o universo era o fato de o universo estar integrado no homem. Isso determinava todas as relações entre o homem e o cosmo. O que determinava toda arte e toda arquitetura, como por exemplo as pirâmides egípcias, não era o fato de o homem ser a imagem do cosmo, mas o fato de o cosmo estar integrado no homem, estabelecendo, portanto, uma ressonância cósmica.

Depois, com Platão, aproximadamente em 400 a.C., aparece uma coisa mais sutil, a idéia de harmonia. Para Platão, a beleza está associada à harmonia, que é essencialmente um ritmo, do qual provém as proporções. Esse conceito, que vê o homem como um microcosmo, como uma imagem do macrocosmo, perdurará até o Renascimento. Esse conceito é muito nobre, mas separa, sutilmente, o homem da natureza: esta deixa de ser consubstancial ao ser e sagrada, e torna-se um modelo. Como consequência dessa relação entre o homem e o cosmo, as proporções serão determinadas pelas proporções do homem, uma vez que o microcosmo é uma reprodução em miniatura do macrocosmo. Portanto, uma das partes do homem será escolhida como medida para construir os templos, seja o templo egípcio, a catedral cristã, a mesquita muçulmana, etc. Essa medida será um côvado, que corresponde ao comprimento do braço, ou meio côvado, que corresponde ao antebraço, ou uma medida correspondente a alguma outra parte do corpo humano.

Só com a chegada dos tempos modernos houve a negação da imagem e da proporção. Pensou-se então ser possível escapar do ritmo e da estrutura, o que levou, evidentemente, a um outro tempo, o tempo de desestruturação no qual estamos, o tempo da pergunta sobre a

sobrevivência ou não do planeta, mas talvez os nossos tempos também sejam os da manifestação da transdisciplinaridade.

Se estamos aqui é porque participamos dessa mutação, tenhamos consciência ou não disso. Estamos aqui, em nossa estrutura alquímica da beleza, do conhecimento dos níveis de realidade, porque é como se houvesse um novo sopro e percebêssemos, não as disciplinas, mas a inteligência das disciplinas, não o que são as estruturas, mas o que faz com que as estruturas sejam. Isto é, a energia, a visão e a inteligência que determinaram, na história do homem, essa relação entre a parte e o todo, e é nessa relação entre a parte e o todo que também se encontram tanto o pensamento transdisciplinar com o próprio conhecimento.

A transdisciplinaridade reata com os grandes princípios dos humanistas do Renascimento. Com ela, tornamos a encontrar a inteligência das disciplinas. A nova catedral é aquela da inteligência, da poesia, da visão, que associa todos os ofícios num novo companheirismo no qual cada um aporta o seu saber para que juntos possam reencontrar a harmonia das proporções. Trata-se da abordagem ao mesmo tempo una e trina do real expressa pelo *terceiro incluído*. O terceiro incluído é a energia dinâmica e contraditória que liga todas as coisas no micro e no macrocosmo. A visão transdisciplinar é tanto uma visão quanto uma metodologia do conhecimento, é um reencontro da riqueza do sentido aparente e do sentido escondido mediante um diálogo entre as ciências e as tradições, entre as ciências e a beleza da poesia e da arte.

Portanto, é uma visão e uma metodologia apaixonantes, capazes de reunir o Oriente e o Ocidente. Os níveis de realidade são um conceito universal que determinou a história cultural e sagrada do homem. Através dele, podemos tornar a inserir no mundo atual a alquimia da beleza.

Darei a vocês alguns exemplos muito surpreendentes disso. No séc. V a.C. surge o Buda e, como vocês sabem, a sua doutrina é a filosofia do Vazio. A filosofia do vazio vai dar origem ao que eles chamam de dois veículos: *Mahayana* (Grande Veículo) e *Hinayana* (Pequeno Veículo), através dos quais o budismo será veiculado. Paradoxalmente, onde o Pequeno Veículo foi se implantando surgiram estátuas gigantescas, que chegam a medir 35 ou 40 metros de altura, como no Afeganistão e na China.

No séc. VIII d.C. o budismo *Mahayana* chega até a Indonésia, à ilha de Java, onde surge então uma das maravilhas do mundo, Borobodur, o maior santuário budista do mundo. Borobodur é sem dúvida a construção oriental na qual os três níveis de realidade se manifestam mais claramente. Medindo 115 metros de largura e de profundidade, a construção tem quatro níveis, dos quais apenas três são visíveis. O primeiro nível, situado sob a terra, é a sua base oculta. Desde a sua origem essa base oculta era considerada um dos níveis da construção, pois ela é tudo esculpida, o que significa que não era considerada como um simples fundamento. Provavelmente, foi enterrada depois para assegurar a estabilidade do monumento. Quanto aos três níveis visíveis, o primeiro tem cinco degraus, através dos quais o peregrino deve subir e sua atenção deve voltar-se para os baixos-relevos que ilustram, em sua maior parte, a vida de Buda. Quando o peregrino chega no final desse nível, a paisagem se abre subitamente de todos os lados e a imensidão do céu e do terra investem o olhar, de modo que podemos associar este segundo nível ao aspecto quântico.

Nele, descobrimos 72 Stupas (templos) dispostas em três círculos, cada um dos quais contendo em seu interior uma estátua de Buda, portanto, em cada círculo há 24 Budas. No terceiro nível há uma Stupa gigantesca, mas vazia. Por que construir uma massa colossal para representar o vazio cósmico? É como se o vazio tivesse necessidade da plenitude, da massa para se exprimir. Esse terceiro nível, no qual está essa imensa Stupa central, simboliza a relação do monumento com o todo cósmico, significa a união do visível e do invisível.

Borobodur é um monumento cujo sentido é inesgotável. Paul Maus, um grande orientalista deste século, consagrou-lhe mais de mil páginas e mesmo assim afirmou ter escrito apenas uma introdução sobre o assunto. Nessa imensa Mandala que é Borobodur, em cada um dos seus níveis, que representam os níveis de realidade, cada parte remete a um todo e o conjunto da obra é um verdadeiro jardim do conhecimento. Nele o homem, percorrendo os seus 2500 metros de galerias que descrevem as vidas e as histórias contadas por Buda, é convidado a atravessar as imagens da sua própria vida antes de descobrir a visão do todo; o que significa que o homem deve atravessar o seu mundo interior e compreender a natureza dos fenômenos para poder chegar à abertura ilimitada do mundo cósmico. Conforme Paul Maus, em Borobodur “cada degrau representa um grau de iniciação distinto.”

Outro exemplo. Nas igrejas românicas, mas sobretudo nas catedrais góticas que são construídas no Ocidente até o século XIII, Cristo é representado na mandorla, que é a amêndoa, que aliás é a matriz e também o sexo feminino. Cristo ainda exprime luz, pois essa figura representa o corpo glorioso de Cristo. Portanto, o que era venerado era a luz, a beleza de Cristo, o aspecto de mutação do corpo em luz. Na seqüência, lentamente, aparece a cruz. E com a cruz, abandona-se o cristianismo da harmonia, se ousa dizer, o cristianismo da beleza, que deu origem a todas as catedrais românicas, góticas, etc., no qual tudo era calculado com proporção, no qual o arquiteto, aquele que cria a visão do conjunto, sempre tinha em conta as proporções do homem: tratava-se sempre da relação do templo cósmico com as proporções humanas.

Pois bem, vemos como essas relações foram progressivamente se perdendo: da construção gótica vai se passar para a flamejante, na qual o conhecimento se perde. A cruz aparece e com a cruz passamos do cristianismo da luz para o cristianismo do sofrimento. E, como por acaso, também começa a Inquisição. Na seqüência, descenderemos, numa espécie de vertigem, até a desestruturação do homem, da imagem do homem, da imagem cósmica, da imagem do todo, o que vai desembocar no materialismo e no cientificismo do séc. XIX, na concepção mecanicista do real, na ruptura entre o homem e a natureza, fazendo com que a natureza se torne uma espécie de caverna de Ali Baba que o homem pode explorar a seu bel-prazer, o que vai desembocar, por fim, no desastre planetário de nossa época.

Então, falar agora da beleza é falar do conhecimento, mas também é algo muito atual, porque no final das contas o que estamos fazendo aqui? Estamos fazendo de novo um trabalho de integração, de compreensão, de comunhão. De comunhão de sentido, pois qual é a nossa marca cultural? Consideremos bem qual é a nossa marca cultural.

Imaginemos que alguém nos ofereça a possibilidade de um estadia no Paraíso. Nada mais desejável! Mas logo quereremos saber tudo sobre o Paraíso, como se se tratasse de ir às

Bahamas ou ao Caribe. Buscaremos informações na Internet, desejaremos ver imagens, procuraremos saber o que as pessoas acham e o que dizem dele as tradições cristã, islâmica, budista, etc. No entanto, se as portas do Paraíso nos fossem abertas e fossemos convidados para entrar, a maioria de nós fugiria, temendo nunca mais retornar, temendo ser definitivamente absorvido pelo arrebatamento do Paraíso. Portanto, precisamos estar atentos para que a nossa abordagem do conhecimento seja a integração do conhecimento e não uma simples estruturação nova que o reduza a conceitos, imagens e análises. O mesmo vale para a beleza, que pode ser uma experiência global ou apenas uma mera satisfação estética.

Isso nos leva a compreender a que ponto a beleza é irreduzível à qualquer análise, pois ela associa o indizível ao dizível, o invisível ao visível. Ela associa unidade e complexidade. Ela nos interroga sobre a nossa abordagem do conhecimento. Conhecer é introduzir-se no processo do conhecimento, é entrar em seu interior, é ver, dentro e fora, o visível e o invisível. Ser a árvore, ver a árvore, viver a árvore. Conhecer também é estabelecer uma distância entre o sujeito, os seres e as coisas. É respirar dentro de si mesmo e, no caos aparente de si mesmo e da matéria, fazer surgir e reconhecer a flor alquímica, a flor de ouro, a flor da beleza sublime.

Continuando a nossa reflexão transdisciplinar a respeito da beleza, podemos dizer que as grandes concepções da física são muito belas. Basarab e eu nos interessamos muito pelo *bootstrap* do nosso amigo G. F. Chew, grande físico americano. Essa teoria nos diz que todo o universo conhecido pode ser reduzido a uma única partícula. Aparente paradoxo, pois cada partícula só pode existir se todas as outras partículas existirem ao mesmo tempo. Assim, esse estado de partícula escapa ao tempo, mesmo ao tempo infinitesimal. G. F. Chew chama esse estado de “evento súbito”. Essa visão é muito bela. Lembra o ponto de Pascal: um ponto cuja circunferência se encontra em toda parte e em parte alguma. Ela também vai de encontro à concepção taoísta segundo a qual no vazio cósmico toda matéria do universo é semelhante a um ponto infinitesimal.

Na origem da criação, num tempo infinitamente pequeno: 1^{-43} seg, haveria a unificação das quatro energias fundamentais. Um prêmio Nobel foi dado a Abdus Salam e Robert Wierner por essa teoria.

A teoria do *bootstrap* diz que é necessário um mínimo de complexidade para que o universo apareça. G. F. Chew representa essa ínfima complexidade por um triângulo. Podemos concebê-la como um núcleo central, concebível, mas não observável; como uma quantidade infinitesimal, mas expressão potencial de todo o universo. O que vai de novo ao encontro da concepção taoísta.

Encontramos de novo a complexidade, a árvore da criação e o mundo dos fenômenos. A beleza existe na árvore, no observador que olha a árvore ou na interação constante entre o observador e a árvore? Com isso, podemos compreender que existe um estado no qual o observador está incluído na observação e a modifica. Dito de outro modo, olho o espelho e meu olhar modifica a imagem que é refletida.

Estamos no espaço-tempo contínuo, ordinário. Quando estamos no espaço tempo quântico encontramos um segundo estado, para além do espelho, onde o real existe independentemente do observador, onde se exerce o que chamamos hoje de não-separabilidade. O espaço engendra o tempo e o tempo engendra o espaço. O terceiro estado é chamado de subquântico, no qual o todo existe à imagem de uma única partícula e não existe mais nenhum espaço-tempo.

Podemos esboçar uma comparação ao olharmos para o interior de nós mesmos. Pergunto a vocês se não existe no ser: 1) um princípio incriado, independente do tempo, chamado de alma, consciência ou Si, 2) um campo de energias interativas que constituem o universo da psique e 3) um conjunto de energias sensoriais que constituem o universo do corpo?

Os níveis de realidade são uma metodologia excelente. Eles se exprimem na natureza. No entanto, é preciso compreender o que é o “três”, já que falamos muito do três. Três é a unidade. É o núcleo. É necessário que haja um mínimo de complexidade e um mínimo de unidade central para que a grande complexidade apareça, para que o Universo apareça. Assim, um núcleo central é necessário. É necessário o um e o três, que os três níveis sejam um, pois é dali que vemos nascer a complexidade.

Poderíamos dizer que existem três tipos de beleza? 1) Uma beleza em si, 2) uma beleza associada aos fenômenos e 3) uma beleza das formas? Também podemos conceber a nossa existência como uma viagem ao interior de uma bolha de espaço-tempo, onde descobrimos 1) a existência do espelho, 2) a sensação de poder atravessar o espelho e 3) a impressão de que essa viagem no interior de uma bolha ou num segmento do espaço-tempo na verdade inscreve-se num todo no qual não há início nem fim?

O primeiro degrau, ou o primeiro passo consiste em realizar uma evidência: fazemos parte da natureza e de suas leis. Podemos situar a consciência do observador que olha, analisa, distingue, ou seja, que exerce as suas faculdades racionais, no âmbito da consciência ordinária. Então, onde situar os aspectos sutis, intuitivos, afetivos do ser, senão num segundo nível no qual sentimos a unidade do nosso ser com o mundo cósmico, nível no qual podemos situar o aspecto vibratório, aberto, interativo de todas as coisas? A lei dos semelhantes, cara às tradições, não evoca o que chamamos hoje de não-separabilidade quântica (ou seja, dois pontos no universo, semelhantes e de mesma natureza, permanecem unidos ou correlacionados, independentemente da distância e do tempo)? Podemos dizer que unidade e beleza cósmica conjugam-se na percepção desse todo misterioso?

E onde situar o terceiro nível senão na percepção do que é incriado em nós, do não-tempo no qual o nosso ser profundo pertence em sua essência à eternidade? Conceito difícil de ser compreendido, é verdade, pois nossa consciência não pode compreender o inexprimível. Em cada semente também existe o inexprimível, existe um todo que porta e transmite a forma e a essência de todas as coisas e que percebemos assim que a semente se manifesta no mundo vivo. Qual é o princípio que preside a existência da semente?

Portanto, partimos da beleza fundamental para, se ousar dizer, a beleza dos fenômenos. Mas não nos deixemos aprisionar pelo mundo fenomenológico por fazermos parte dele. Então, trata-se de uma primeira percepção e vemos que essa percepção histórica é extremamente

importante quando passamos do tempo cósmico, do tempo da eternidade, ao tempo do homem. E estamos de novo em vias de reencontrar o tempo da eternidade, o tempo no qual saímos efetivamente do pensamento linear para entrarmos num novo pensamento, no qual o mundo cósmico, a globalidade, a parte e o todo estão ligados.

Aliás, eu queria fazer duas citações para mostrar essa unidade de pensamento. Uma é de Platão, outra de Einstein.

Platão disse: “A vida que vale a pena ser vivida é aquela do homem que se elevou do amor pelos corpos belos ao amor pelas almas belas, deste ao amor pelas ações belas, depois ao amor pelas ciências belas, até a beleza absoluta que arrebatava os corações num êxtase inexprimível.”

Portanto, vocês vêem que nessa frase há as almas belas – que são um espelho puro do belo –, as ações belas, as ciências belas e também o invisível.

E o que Einstein diz 2500 anos mais tarde? Ele diz o seguinte: “A emoção mais magnífica e profunda que podemos exprimir é a sensação mística.” (Ao inexprimível de Platão corresponde a sensação mística de Einstein) “Esse é o germe de toda ciência verdadeira. Aquele para o qual essa emoção é estranha, que não sabe mais ser tomado de admiração nem de êxtase é um homem morto. Saber que o que nos é impenetrável existe, mas se manifesta como a mais alta sabedoria e a mais esplendorosa beleza.”

Não foi um místico que escreveu isso. Foi Einstein. Pois bem, vemos que de Platão a Einstein esse sentimento do inexprimível está associado à beleza e contém a grande pergunta que nos fazemos a respeito da ciência. Platão já dizia: “Não é pela observação que podemos descobrir o que é, mas pela razão e pela inteligência interior”, e concluía dizendo que a ciência autêntica não comporta nada de sensível, pois diz respeito ao Ser e ao Invisível. Ou seja, só podemos descobrir o que é pela revelação, pela intuição, pela iluminação ou satori. Pode nos parecer paradoxal dizer que a revelação possa ser mais precisa que a própria ciência. Isso nos remeteria a outra questão, que não é a da minha palestra. O Basarab poderá explicar isso a vocês melhor que eu, mas em todo caso há aí uma grande questão. Como poderemos conhecer? Platão tinha razão? Einstein tinha razão? Qual é a nossa abordagem do mundo, da ciência e dos níveis de realidade? Os níveis de realidade, se associados aos níveis de consciência, não são essencialmente uma maiêutica, uma questão a respeito do Ser, do mundo e do nosso próprio ser? Quando olhamos não somos ao mesmo tempo olhados? Quando pensamos não somos ao mesmo tempo pensados? Somos capazes de dizer por que a beleza nos interroga e de dizer o que em nós percebe a beleza? Se a beleza nos habita no mundo vivo é porque ela preexiste a este mundo e recobre todas as coisas com o seu grande manto.

Em todas as grandes sabedorias a beleza está associada à Árvore do Conhecimento – na tradição judaica, por exemplo, há a Árvore das Sefirás –, que é uma árvore invertida cujas raízes estão no céu. As raízes estão no céu; o tronco é a matriz; as folhas são a complexidade. Nós vivemos no mundo da complexidade. O mundo quântico é o tronco. As raízes ou a essência são o pequeno cerne da complexidade de que eu falei a pouco como estando na origem da manifestação. Podemos ver essa árvore na obra “O Jardim das

Delícias” de Jerônimo Bosch. O centro da obra é ilustrado por uma Árvore da Vida que está acima do globo terrestre. E, sobre esse globo, há um casal de ponta-cabeça, ilustrando a frase de Hermes Trismegisto: “O que está embaixo é como o que está em cima.” O globo e a árvore estão envolvidos por quatro outras Árvores da Vida que se apoiam em construções imaginárias e representam os quatro elementos: terra, água, fogo e ar. O plano da água, no qual se encontra o globo, forma uma espécie de quadrado, que significa a manifestação. Acima do centro do globo está a Trindade: os três frutos, que, por sua vez, multiplicam-se três vezes. Trata-se da tripla trindade que engendra os três mundos, os três estados e os três níveis de realidade. Quanto ao lago em forma de círculo no qual mulheres estão se banhando, isso significa o espelho da Trindade, ou o céu que reflete a unidade, a união do céu e da terra. A essência dessa união é o princípio feminino, a *anima*, que é a essência da Criação. A vida emana do amor e a *anima* criadora engendra todas as coisas interminavelmente.

Isso nos conduz a uma definição da beleza. E é verdade que a partir do momento em que a beleza deixa de ser algo estético a definição da beleza, como a que encontramos nas grandes sabedorias, é muito sutil, muito rica e muito complexa. Por exemplo, na China há um ideograma que se chama “Bi”, que compõe outro ideograma chamado “Hi”, que significa beleza, mas que é composto pelas palavras “sabor” e “fogo”. Portanto, a beleza é o sabor do fogo. Isso é fabuloso. Vemos, por exemplo, que esse mesmo ideograma “Bi” será encontrado em “Wabi”, que em japonês quer dizer simplicidade. Portanto, a beleza é determinada pela simplicidade, pela grande pureza que há nas coisas. Por isso, no Japão o seu mais importante santuário, o seu Vaticano, é um pequeno e modesto celeiro em madeira, o templo de Ise. Além disso, ele é destruído a cada 20 anos, os seus pequenos pedaços são distribuídos aos fiéis e o santuário é construído em outro lugar, contíguo ao anterior. Destruir e reconstruir significa renovação e purificação. Da simplicidade vibrante, de “Wabi”, nasce a extrema beleza, vibrante como o sabor do fogo

Neste ponto, tentei encontrar eu mesmo uma definição da beleza. Conversando anteontem com nosso amigo Gaston Pineau, falamos da brisa. Na China a brisa está associada a expressão “Chi” ou “Ki”, que significa energia. O que é a energia? É uma brisa, um sopro, algo imponderável. O que me faz pensar que no Oriente o imponderável está associado à impermanência, ao que não tem duração, ao que não está fixado no instante. E, no entanto, o “Chi” é um evento súbito. Quando um mestre em artes marciais age, o faz com uma grande beleza, mas com um gesto súbito. A energia é súbita, ela não existe um milionésimo de segundo antes nem depois, mas está lá e se exprime por essa vaga, como dizia o mestre Ueshiba, fundador do Aikido. Portanto, é uma grande beleza. Há também a noção de sabor, de saber provar as coisas. Na beleza, saboreamos as coisas. Numa face bela, numa paisagem bela, na harmonia há a noção do gosto. Uma grande beleza nos dá, de fato, um sentimento de imponderável, um sentimento no qual o instante parece ser algo de eterno. Quando amamos, quando estamos na fusão, temos a impressão de viver a eternidade no instante.

Então, como ordenaremos esses termos: brisa, impermanência, presença, sabor, eternidade?

Direi que a beleza é essa brisa da impermanência que no instante presente nos dá o sabor da eternidade.

Pois bem, eu vos proponho essa definição da beleza.

Também poderíamos dizer de tudo isso, dessa beleza que traduz nosso maravilhamento, nosso aspecto emocional diante da natureza, nossa surpresa, que na palavra surpresa há despertar maravilhamento e na palavra maravilhamento há a palavra despertar: o que se desperta em nós. Portanto, é verdade que pela beleza das formas podemos compreender a beleza da natureza, mas também o aspecto biológico das coisas. Olhem a beleza das flores, a dos pistilos, etc. Ela tem basicamente um objetivo prático: atrai os insetos, os insetos pousam nelas e levam o pólen, que em seguida distribuirão nas outras flores. Então há uma necessidade biológica da beleza, de modo que poderíamos dizer aqui que a beleza é o *Eros* da natureza, o *Eros* da vida. Como consequência disso, talvez tenhamos encontrado o sentido do feminino, do *Eros* feminino, posto que essa matriz de vida, essa matriz do mundo das luzes é também uma matriz do *Eros*.

Portanto, quando encontramos essa idéia da matriz feminina, da matriz da beleza, etc., vemos que participamos essencialmente do mundo do *Eros* e, portanto, não há mundo de sofrimento. Então, isso também é uma mudança de paradigma e, a final de contas, de maneira consciente ou inconsciente, mas em todo caso manifesta, vemos hoje que o nosso mundo cósmico em perigo se dirigirá de novo para a feminilidade do ser, para a feminilização do real, como diz Basarab no *Manifesto da Transdisciplinaridade*. No entanto, essa feminilização do real, essa reaparição da beleza se manifestará não mais no âmbito do sofrimento, mas no âmbito da comunhão, no âmbito dessa espécie de participação do *Eros* entre o Ser e o Todo.

Aliás, no interior dessa idéia de feminilidade há conhecimento e beleza. Essa tríade é muito interessante, pois o feminino encarna o conhecimento e com a união do feminino e do conhecimento aparece a beleza. Portanto, instaurar de novo a feminilidade do ser não é uma palavra vã, não é apenas uma declaração de princípios; é de fato algo essencial em nosso próprio convívio.

Neste ponto da minha exposição, eu gostaria de voltar a falar de um aspecto da física contemporânea ilustrada pela teoria do *bootstrap*. Essa palavra significa “cordão de sapato”, para exprimir a idéia de que tudo no universo é coerente e consubstancial a si mesmo, perfeitamente unido e homogêneo como o sapato ao pé. Essa autoconsistência, essa unidade do mundo é determinada pela interação das partículas, mas no nível subquântico podemos dizer que uma partícula está relacionada à existência de todas as outras partículas do universo. No espaço de tempo de um bilionésimo de segundo cada partícula se determina levando em conta todas as outras: não podemos atribuir a esse evento nem mesmo um bilionésimo de segundo. Por isso, Chew dizia que o conjunto do universo é um evento súbito. O *bootstrap* é uma topologia, isto é, uma formulação matemática, posto que não pôde ser totalmente demonstrado em física. Mesmo assim, trata-se de um conceito matemático muito belo.

Durante as nossas conversas com G. F. Chew ele costumava destacar o fato de que na física os eventos mais importantes são eventos “discretos”. Eu gostava muito dessa idéia de discrição, de imponderabilidade, de segredo, ligado ao comportamento das partículas. Era

como se falássemos de uma inteligência escondida, de uma beleza velada. E é verdade que a travessia para além das aparências requer a percepção dessa inteligência do invisível que está sempre presente e em ação. Trata-se de uma espécie de visão do ser cósmico. Mas se eu dissesse isso a Chew ele diria que não, que ele tinha abordado isso como físico e não como metafísico e que tinha muito medo que interpretassem isso como uma abordagem metafísica. Porém, isso não impede que pela abordagem matemática da física nos aproximemos da metafísica. Há algo de muito misterioso aí.

Isso me recorda as conversas que tínhamos com o filósofo e físico teórico Stephane Lupasco. Lupasco não conhecia estritamente nada daquilo que chamamos de tradições, mas seu pensamento era tão sutil, tão verdadeiro, que encontrou por si mesmo os princípios das grandes sabedorias e das grandes tradições. Sua experiência mostra o quanto o conhecimento é uno, embora se manifeste sob mil aspectos. A beleza reside no fato de que uma percepção interior justa religa-nos instantaneamente à grande Árvore do Conhecimento. Isso mostra bem que subjacentemente a essa maiêutica do conhecimento há uma mesma “árvore”. Em nossos dias, nos aproximamos dessa “árvore” no visível e no invisível por meio da ciência, por meio dos instrumentos tecnológicos que nos permitem observar o infinitamente pequeno ou o infinitamente grande. No entanto, com essa maiêutica temos de chegar nessa mesma interrogação sobre a natureza do universo e deixar de reduzi-lo a uma única dimensão, a um único nível.

Há uma imagem muito bela do físico David Bohm, que dizia que para compreender o *big-bang* é preciso imaginar um oceano sem início nem fim. Nesse oceano sem início nem fim há, de tempos em tempos, uma vaga maior que as outras. Essa vaga é um *big-bang*. Essa é uma imagem bela, por isso podemos citá-la. Portanto, ele nos dá uma imagem de uma pequena vaga que se torna o universo, mas que está rodeado de uma infinidade de outros universos. Essa idéia de vaga é curiosa, pois vamos encontrá-la sempre. Em minhas pesquisas sobre artes marciais, fiquei surpreso com a atitude de Ueshiba, que foi um grande mestre. Para projetar seus alunos para longe ele se mantinha imóvel e fazia pequenos movimentos que chamava de vagas, mas desses pequenos movimentos se desprendia uma energia extraordinária e o aluno era projetado a seis metros de distância.

Portanto, também há beleza nessa idéia de ligar a energia da parte ao todo. É verdade que a beleza não é apenas uma estética, mas também uma fisiologia e uma energia. Tenhamos em mente a imagem de uma folha. Esta é o símbolo da floresta, do todo, e vemos nessa folha a energia de criação como uma espiral, que cria uma folha no interior da folha: há uma espécie de folha virtual da qual procederá a imagem da folha. Assim, vemos claramente a manifestação da espiral criadora. Então, a beleza também é energia e, com isso, vemos de novo os níveis de realidade: vemos a energia no ponto, vemos a folha virtual, e vemos a mesma espiral continuar e criar a folha real.

Esse processo de manifestação também era ensinado nas tradições. Por exemplo, no companheirismo das associações de ofício da Idade Média, quando os companheiros construam catedrais, todos os talhadores de pedra estavam submetidos à mesma regra. As suas pedras tinham de ser perfeitas, tinham de ser bem talhadas, pois partia-se do princípio de que o homem era feito por aquilo que ele fazia. Assim, a beleza não é um ato gratuito. Criar a beleza é transformar-se, é transformar seu próprio ser. Portanto, era necessário que a

pedra fosse perfeita. Se um companheiro talhasse uma pedra com alguma falha e ela fosse usada em qualquer lugar da construção da catedral ele era expulso, pois isso era considerado não um delito menor, mas um delito maior e essa expulsão equivalia quase à morte. Não se trapaceava com a perfeição e a beleza. Era um absoluto. Se esse absoluto não se realizasse podia ser uma questão de vida ou de morte.

Podemos compreender com isso o sentido das seguintes palavras do Evangelho: “o que for ligado na terra também será ligado no céu.” Portanto, há um conhecimento que advém daí: o que você é no visível é como um espelho do invisível. Reencontraremos essa idéia de espelho na tradição xintoísta, bem como em todas as tradições. Vemos que nessa idéia de beleza podemos encontrar o *bootstrap* e a enfermidade do ser, pois ela nos questiona sobre o sentido do nosso conhecimento. Descartes disse: “Penso logo existo.” Mas isso não é totalmente verdadeiro. É porque existo que penso. Essa é a inversão da grande mutação. É porque existo que vejo a beleza. É porque sou, porque tenho esse centro que posso ir do centro à periferia. Porém, se só existo no mundo dos fenômenos, se só existo no mundo da periferia, não posso encontrar meu centro. E se perco meu centro não tenho mais existência, não tenho mais a montanha mágica, não tenho mais a beleza do feminino. Portanto, na ordem do conhecimento tudo está interligado. É verdade, por exemplo, que as rosáceas das catedrais representam a roda do tempo, mas a abóbada representa o céu e as proporções da catedral representam a harmonia. Podemos tocar as proporções de uma catedral. Não há notas falsas, pois todas as proporções são perfeitas. Podemos tocá-las na escala musical. A escala é perfeita. Se houvesse uma nota falsa significaria que a construção não seria perfeita. Encontramos sempre essa idéia: a harmonia, o belo, a parte, o todo não são gratuitos, mas determinam nossa relação com o conhecimento, e, mais uma vez, nossa relação entre o visível e o invisível. Então podemos dizer que se avançarmos um pouco adentraremos no mistério do desvelamento, pois vemos que o mistério feminino, que é símbolo da beleza, está velado. Está velado como o espelho. O espelho expressa, reflete e está velado porque cabe a nós poli-lo, isto é, nos darmos cada vez mais, mediante essa abertura, mediante esse abandono dos agregados inúteis do ser, à sabedoria mais transparente do céu.

Isto é, todas as tradições tinham em vista apenas nos dar a percepção do Vazio, do que é sem forma. No entanto, esse Vazio não é a não forma, pois é nele que reside a densidade da energia. De modo que hoje vivemos um paradoxo, pois o que a ciência nos conta? Conta que quando olhamos o mundo cósmico temos um conhecimento da energia gravitacional ou eletromagnética, que representa 10% do cosmo, mas que além disso há uma matéria negra, a respeito da qual nada se sabe. E esse zero de conhecimento representa 90% do universo.

Então, se o universo não é uma maiêutica, o que ele é? Em todo caso, é 90% de matéria negra, isto é, de desconhecido. Assim, também aí, nessa relação que temos com o espelho há uma relação muito curiosa com a ordem e a harmonia. Pois se a beleza se exprimiu na pedra e nas proporções do templo foi porque no número e na geometria realmente se exprimem a coerência e a ordem do universo. O universo não é um caos e um físico dirá a vocês que se houvessem alguns átomos de hidrogênio a mais as energias do universo não estariam em equilíbrio. Mas há um equilíbrio misterioso da Inteligência criadora. Por trás desse caos aparente, seja ele biológico ou físico, há uma ordem oculta, e atualmente encontramos essa ordem oculta na lei de Mandelbrot, no aspecto fractal, que encontramos

por toda parte. Por exemplo, quando a imagem de uma ponta de tungstênio é aumentada 750.000 vezes vemos aparecer um outro cosmos. Esse é o aspecto fractal: no infinitamente pequeno não há ponto no qual não encontremos nada; sempre há algo atrás. Essa é a beleza das energias, a beleza oculta. Por isso se diz que cada grão de areia é como mil Budas. Todos nós conhecemos os cristais de neve. Há bilhões e bilhões de cristais de neve, mas nenhum é como o outro. Há bilhões e bilhões de grãos de areia, mas nenhum é como o outro. Vemos aparecer também aí aquilo que o mundo moderno esqueceu, o princípio de identidade: não há duas coisas iguais no mundo. E a beleza está ligada a esse princípio de unicidade e identidade. Violar esse princípio é violar as leis fundamentais da natureza e da inteligência criadora. Como vocês vêem, a beleza diz respeito diretamente ao conhecimento. Não podemos, por exemplo, dar saltos entre as espécies nos gêneos genéticos. Não importa como, somos obrigados a levar em conta a identidade das coisas.

Isso também nos remete à definição do espaço. Quando olhamos um jardim chinês ou japonês, ocorre algo muito interessante no que diz respeito às relações do espaço. No jardim chinês, o espaço não é considerado como uma realidade estática, mas uma realidade vibratória. Entre a árvore, a rocha e o caminho há espaços e esses espaços têm uma história. Quando o pintor ocidental atual vai até uma paisagem, ele coloca seu cavalete ali e começa a pintar a paisagem. Mas o que fazia um pintor chinês? O pintor chinês não levava nada. Ficava diante da paisagem um dia, dez dias ou três semanas, até que tivesse integrado os ritmos, as sensações, a geomancia. Cada rocha, cada espaço da paisagem tinha veias, tinha espaços vibratórios que tinham um sentido. O pintor chinês impregnava-se com essa contemplação e depois, quando sentia ter a visão do quadro, voltava para o seu ateliê e não pintava a paisagem tal qual viu, mas tal qual as harmonias da paisagem foram traduzidas e sentidas por ele. Portanto, é uma abordagem totalmente diferente da ocidental moderna.

Falamos de integração, de meditação, de corpo meditante. Os chineses chamavam essa abordagem de ciência do vento e da água. Isto é, a ciência na qual se traduz a disposição das coisas visíveis na harmonia do invisível. Aliás, no Japão, essa noção é chamada “Ma”, que significa a vibração do espaço entre as coisas, o que vibra entre as coisas.

Uma outra abordagem pode ser dada por meio de um conto chinês. Trata-se da história de dois grandes pintores. Um se chamava Li Chih-sing e o outro Jen Jen-fa. Isso ocorreu no séc. XIV. Esses dois pintores eram muito célebres e ninguém conseguia decidir qual deles era melhor, pois um era tão bom quanto o outro. Por fim, o Imperador convidou os dois para que cada um pintasse um muro do seu palácio. Uma grande cortina preta foi colocada entre eles para que um não pudesse ver o trabalho do outro. Então Li Chih-sing pintou uma paisagem magnífica. Ao vê-la o Imperador exclamou: “É impossível que haja uma obra humana mais bela do que a sua, oh grande mestre. Eu prometi que aquele que ganhasse essa disputa seria o governador de uma província. Vou nomeá-lo. Deixe-me apenas dar uma rápida olhada na pintura de Jen Jen-fa. Então puxaram a cortina e, subitamente, oh! estupefação. Jen Jen-fa tinha apenas polido a parede que estava bem de frente para a de Li Chih-sing, de modo que a pintura deste refletia-se na parede polida de Jen Jen-fa. O Imperador ficou estupefato com isso, pois compreendeu que Jen Jen-fa tinha dado à parede a transparência do espelho e com isso traduziu a pintura unidimensional de Li Chih-sing em três dimensões de profundidade. Então disse: “Jen Jen-fa, você ganhou. Eu o nomeio governador da província.” O artista respondeu: “Não majestade. Obrigado. Não quero nada

que um ser humano possa me dar.” Em seguida, saudou o Imperador, caminhou em direção à parede, entrou na paisagem e todos os presentes o viram caminhar entre as árvores, subir a montanha, e, quando ele desapareceu por detrás de uma rocha, subitamente o espelho se apagou, a parede voltou a ser o que era antes e Jen Jen-fa desapareceu. Nunca mais foi visto.

Esse belo conto introduz de novo *os níveis de realidade*. Pois a parede pintada representa o primeiro nível de realidade: o mundo sensível. O espelho representa o segundo nível: a não-separabilidade do Todo. E o desaparecimento do pintor representa o terceiro nível: a unicidade do ser com o que é.

A sabedoria Zen os representa bem quando diz: “Antes havia a montanha, depois não havia mais a montanha e depois havia de novo a montanha.” O sentido desses três estados de mutação também é alquímico: Obra em Negro, Obra em Branco, Obra em Vermelho. Nesses três sentidos, há o nome, depois não há o nome, depois há de novo o nome, onde o nome que é o nome não é mais o nome, e assim sucessivamente. Quando se diz “há uma flor que é uma flor que é uma flor”, isso é um koan do Zen japonês, e a sua função é dizer que o que é é, mas está numa constante mutação, e essa mutação é uma alquimia.

O mesmo ocorre quando falamos de níveis de consciência, que também são níveis de realidade, embora a idéia de nível nos pareça estática. Por nível de consciência é preciso entender um estado de consciência estável, do qual não é possível mais decair. Mas a viagem interior não tem fim.

Essa é a abordagem do sufismo e ela é perfeitamente ilustrada pela dança dos dervixes giradores. O dervixe gira da direita para a esquerda, com o braço direito erguido e o esquerdo abaixado. Sua dança tem o movimento de uma espiral girando ao redor de um eixo, o pé direito do dervixe sendo esse eixo. Uma espiral que gira engendra todos os níveis da criação e também todos os níveis de consciência, de modo que cada nível da criação representa um nível da consciência. O movimento descreve o espaço-tempo, por isso é ao mesmo tempo ascendente e descendente. Levantando o braço direito, o dançarino se liga ao céu; e o que recebe do céu, restitui à terra, através do braço esquerdo abaixado. A energia não sendo neutra, reveste-se da qualidade do dançarino, pois é através dele que ela passa. Um físico contemporâneo lembraria que o observador faz totalmente parte da observação.

Vemos mais uma vez que os três níveis de realidade se apresentam continuamente diante de nós, sob as mais diversas formas, mas devemos compreender que todas as coisas e todos os níveis estão separados e juntos. É verdade que há um estado em que o observador modifica a observação, em que a flecha do espaço e do tempo vai do passado ao futuro; mas também há um estado independente do observador: o real tal qual ele é. Nesse estado, a informação vai tanto do passado ao futuro como do futuro ao passado. No ponto de interseção dessas duas linhas, não há mais tempo nem espaço. Com isso podemos ter uma idéia da estrutura transdisciplinar. De certo modo, a transdisciplinaridade é um paradoxo.

Talvez possamos citar aqui outra história para ilustrar esse ponto. Trata-se da história de um mestre Zen que colocou um cântaro sobre a mesa, chamou seu discípulo e disse: “Vejam. Esse cântaro é o Buda. Portanto, aquele que amanhã de manhã for capaz de me

dizer qual é a natureza, qual é a essência desse cântaro será digno de ser o meu sucessor.” Então, efetivamente, durante toda a noite os monges se interrogaram e, de manhã cedo, uns disseram ao mestre que o cântaro representava o Vazio, a Vacuidade, outros que representava a pura essência de Buda, etc., etc. Mas o mestre se manteve o tempo todo completamente sério e, por fim, perguntou: “Há mais algum de vocês que ainda não deu a sua opinião?” Os monges responderam: “Há o cozinheiro.” Ao que o mestre disse: “Mandem chamá-lo, pois ele também é um monge.” O cozinheiro chegou todo sujo, mancando, olhou o cântaro, deu um chute nele, quebrou-o e voltou para a cozinha. Diante disso, o mestre disse: “Ah!, enfim alguém compreendeu.”

Sem fazer um paralelo exagerado, podemos dizer que no pensamento transdisciplinar há a arte de mostrar o cântaro e também de quebrá-lo. Devemos utilizar nossa inteligência e nossa percepção para ver os níveis de realidade, os níveis de beleza que estão nas coisas, mas não devemos nos deixar aprisionar por elas. Aliás, como Basarab disse a pouco, a transdisciplinaridade é uma excelente metodologia, ela é um elemento da transição, da mutação que vivemos, mas um dia será ultrapassada. Em todo caso, para este momento é uma excelente formação.

Embora vejamos a beleza no real, percebemos os seus aspectos contraditórios, assim como vemos o sofrimento e a desintegração dos tempos contemporâneos. Portanto, podemos compreender que toda dualidade acaba por gerar tensões destruidoras, enquanto que *o terceiro incluído* indica que no seio de toda dualidade existe uma interação ao mesmo tempo potencial e contraditória que engendra o movimento vivo das energias criadoras. O que é verdade na biologia, na física, também o é em todas as disciplinas. Assim, vemos que não existe uma verdadeira oposição entre as ciências, nem entre as grandes sabedorias, nem entre aquelas e estas. Foi essa constatação que fundamentou a “Declaração de Veneza” em 1986: “O encontro inesperado e enriquecedor entre a ciência e as diferentes tradições do mundo permite pensar no aparecimento de uma nova visão da humanidade, até mesmo de um novo racionalismo, que poderia levar a uma nova perspectiva metafísica.”*

Se os conceitos terminológicos diferem de um campo ao outro do saber, a flecha do sentido é a mesma para todos. Por isso, não se pode separar as disciplinas, nem banir a arte e a poesia. Portanto, é verdade que numa formação futura sobre a arte, sobre a beleza, será sem dúvida necessário desenvolver mais a percepção histórica de todo o conhecimento que nos foi legado. Será necessário extrair a arte da criação, depois a arte do Criador, e, em seguida, a arte dos homens, na qual vemos a construção, o número, a cifra, mas também o mistério, o sorriso, que encontramos na Gioconda, mas também na Virgem do Rochedo. Nessa pintura de Leonardo da Vinci há uma gruta. Trata-se da caverna de Platão. A caverna do claro-escuro, das sombras luminosas, da noite obscura de que fala São João da Cruz: a noite escura que contém a luz interior.

Quando falamos da noite, falamos da beleza do mistério. Falamos de Ísis e de Lilith. Lilith é a passagem da luz que não está manifestada, que está contida na noite, pelos três mundos: o terrestre, o celeste e o subterrâneo. Depois há Ísis, que é sempre negra, que é a beleza

* Declaração resultante do Colóquio "A Ciência Diante das Fronteiras do Conhecimento", organizado pela UNESCO, com a colaboração da Fundação Giorgio Cini em Veneza em março de 1986.

negra e também é luz negra (encontramos o mesmo simbolismo nas Virgens negras), mas manifestada, da qual só podemos nos aproximar pela via alquímica, pela via da mutação. Portanto, pela via dos níveis de realidade.

Os níveis de realidade dizem respeito a uma via alquímica e ajudam-nos a não nos deixarmos enganar pelo dualismo aparente do mundo dos fenômenos. E a beleza é, efetivamente, como a consciência, como a inteligência, como o sopro, como a respiração, como a energia. Tudo isso são modos de apreensão, modos de conhecimento, modos de respiração. Não estabeleçamos fronteiras arbitrárias. Celebremos o desejo, celebremos a beleza, celebremos a respiração e celebremos o sentido. As coisas são unas. Elas só são diversas nos níveis que vemos entre as coisas. Sem dúvida os níveis de realidade são uma escada, são uma metodologia, mas no final das contas somos convidados a entrar na caverna dos mistérios, somos convidados ao mistério do nosso próprio ser e é ali que se encontra a arte e a vida, e, conseqüentemente, a abordagem transdisciplinar dos níveis de realidade.

E se houvesse um quarto nível, eu diria que este nos convidaria a descobrir, para além de todos os conceitos, o nosso próprio espaço interior, no qual descobriríamos o conhecimento da natureza, o conhecimento da nossa verdadeira essência, o conhecimento da Beleza e tudo isso junto se chama conhecimento do Amor.

Então, creio que com isso conseguimos nos aproximar do nosso tema. Não chegamos a entrar no Paraíso, mas tivemos uma idéia do gosto do Paraíso. E creio que a Beleza nos convida a fazermos esse caminho, isto é, o caminho de passar do corpo sensível ao corpo sutil, deste ao corpo do conhecimento e deste ao corpo da visão. Ibn Arabi (1165-1241 d.C.), imenso místico e poeta, disse que no Paraíso também há animais e minerais, cuja quantidade só Deus conhece. Mas que no Paraíso tudo é vivo e falante. Tudo tem uma vida análoga à dos seres vivos, dotados de pensamento e palavra. São seres que vivem, mas cuja vida é imutável, imperecível, pois vivem do Verbo, do Som, da Luz, dessa consciência que não está mais ligada ao mundo dos fenômenos e participa plenamente da pura Luz.

Para Ibn Arabi os querubins repletos de olhos guardam a entrada do Paraíso. Curiosamente, na mística judaica, na Cabala, a palavra Kerub também quer dizer jardim, o que nos leva a pensar que essa osmose entre jardim e guardião significa que o jardim de luz possui instantaneamente a faculdade de ser ao mesmo tempo jardim e guardião.

Encontramos essa mesma estrutura na partícula. A partícula é corpúsculo e onda. A informação é local, global e ambas ao mesmo tempo. Essa é a beleza da criação. Se pego este microfone, vou dizer que faço um objeto, que sou corpúsculo. No entanto, se digo “minha querida, você tem olhos belos, que interessam a todo o universo”, sou onda. Trata-se da afetividade do amor. Creio que é nesse mistério do ser que podemos entrever a abertura do Paraíso, a dança da Beleza.

Estamos chegando ao termo desta viagem. Os *níveis de realidade* nos conduziram do mundo sensível ao mundo de luz, do jardim terrestre ao Paraíso, do encontro do outro ao encontro do Banquete. Nesta viagem descobrimos o terceiro incluído, isto é, o enigma do claro-escuro das sombras da caverna e do sorriso da Gioconda. Afloramos o mistério do

Tao, o Oceano da eternidade, o Oceano de pura energia do qual emanam todas as galáxias e todos os universos conhecidos e desconhecidos. O mistério desse ponto que é ao mesmo tempo o Uno e o Todo e cujo movimento infinito não tem fim.

Pois bem! Eu gostaria de terminar com algumas frases de um pequeno poema que escrevi num dos meus livros:

3.1 “A alma dança a beleza da alma

Porque no cume da paciência há a impaciência do cume

E no cume desse cume há a vertigem

E a vertigem pertence apenas à visão do ser

Pois é no ser da Beleza que se descobre o sentido de todas as coisas

Porque tais belezas são intemporais

Elas são o próprio sopro de cada instante

Onde o ser e a visão compõem, de algum modo, a alquimia de todas as essências.”

Podemos dizer então que o nosso olhar pode discernir a pura Beleza, a da Inteligência criadora, que é ao mesmo tempo ciência, sabedoria e harmonia. A consciência vê a beleza e a inteligência a abre. A consciência desvela e a inteligência revela. A consciência é real quando a inteligência se torna pura Beleza.